

MISSÃO URBANA- DESAFIOS À IGREJA

(Arzemiro Hoffmann, P.Ms, professor de Missiologia na FATEV em Curitiba)

Roteiro do presente texto

1. Introdução
2. A percepção bíblica da cidade
 - 2.1. A cidade vista com Babilônia
 - 2.2. A cidade como espaço de misericórdia
 - 2.3. A dialética: Jerusalém x Babilônia
3. Missão Urbana no NT
4. Consequências sociais e religiosas da Urbanização no Brasil
5. A Urbanização e o comportamento religioso
6. A Paróquia Urbana da IECLB
 - 6.1. Ministérios urbanos
 - 6.1.1. Ações de Pastoreio
 - 6.1.2. Ações Missionárias
 - 6.1.3. Ações a favor da cidade
7. Conclusão
8. Bibliografia.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo da questão da Missão Urbana trabalha três elementos-chaves: a fundamentação bíblico-teológica, o conhecimento do processo de urbanização e as ações propostas para a comunidade local. É desejável que cada pessoa, em seu ministério específico, aprofunde o estudo aqui iniciado. Para auxiliar esta tarefa, no final do texto, proponho uma indicação bibliográfica.

Ao tratar o tema “Missão Urbana” é imperioso que fique bem claro com que conceito ou visão missionária a gente trabalha. Eu trabalho com a visão da *Missão Integral* que se caracteriza pela seguinte compreensão: *apresentar, fundamentar e sustentar teologicamente a Missão de Deus confiada à Igreja, que consiste em: anunciar o amor de Deus revelado em Jesus Cristo que abrange a salvação das pessoas, a transformação da sociedade e a preservação de sua boa criação.*

Estudiosos da Missão urbana afirmam que o vocábulo “cidade” ocorre mais de um mil e quatrocentas vezes ao longo da Bíblia. Na maioria delas, *cidade* é traduzida das palavras IHR do hebraico e PÓLIS do grego. O significado usual do termo nem sempre corresponde a estes dois conceitos. Assim, por exemplo, no AT quando autores se referem a Jerusalém ou Judá, podem designar o povo de Israel, como um todo, não apenas a sua cidade (Is 3.1). No NT, o termo *pólis* pode ser usado para referir-se, simplesmente, a um pequeno povoado, que nada tem a ver com o conceito grego de cidade-estado: “andava de Jesus de cidade em cidade...”(Lc 8.1).

Há, contudo, ao longo da Bíblia, uma espécie de fio condutor que identifica a cidade como centro de onde emanam as ordens que governam um povo. A cidade, a rigor, é vista no AT como sede de governo - centro do poder. Este poder está a serviço da dominação religiosa, militar ou econômica, ou pela conjugação destes. Neste caso, trata-se de um império ou ditadura.

O povo de Deus, através de seus profetas, exige um governo justo que promova a paz social e a prosperidade (o shalom de Deus). Esta exigência é reclamada de todas as nações e não se limita, portanto, ao povo de Deus. Com isto fica claro, desde logo, que a tarefa da Missão Urbana não se limita à vida na comunidade mas visa a toda a cidade. Não se restringe, portanto, à vida religiosa. Sonha certamente com a transformação social dentro do melhores padrões da ética, justiça e sustentabilidade.

2. A PERCEPÇÃO BÍBLICA DA CIDADE.

A partir deste tema, serão analisados os seguintes pontos: Existe algo como uma “Teologia da Cidade” ou: “hermenêutica da cidade”? Os “paradigmas”: *Babilônia* e *Jerusalém*. A cidade, vista como *Babilônia* é o símbolo da violência e da perversão. Seus construtores são: Ninrode - proto-monarca (Gn 10.8-12; Gn 11.1-9). As advertências proféticas contra

a monarquia: a Fábula de Jotão (Jz 9.7ss) - crítica ao desejo do povo de escolher um rei guerreiro. A advertência de Samuel para o custo da monarquia (I Sm 8.1ss).

2.1. A cidade vista como Babilônia, símbolo do poder e da violência

No AT, o povo de Deus sente-se, quase permanentemente, ameaçado pelas cidades. Não por qualquer uma nem pela cidade em si mas pelas cidades como centros do poder monárquico, totalitário. Babilônia simboliza esta cidade sanguinária, violenta e perversa.

A origem da cidade, tanto na Bíblia como na pesquisa secular, permanece como algo distante na história, nem sempre bem esclarecido. Aqui se trata de olhar a cidade como é apresentada ao longo das Escrituras, onde está vinculada à dominação ou a vontade de exercer o poder governamental.

Caim é apresentado como o primeiro construtor de cidade (Gn 4.17). Não há comentários sobre esta . É provável que tenha servido como refúgio e segurança para o fugitivo Caim.

O segundo construtor de cidade é apresentado como um caçador: Ninrode. Curiosamente, o que Ninrode (Gn 10.8-12) caçava não eram animais selvagens (embora todo dominador fosse hábil neste ofício). Na verdade, caçava as riquezas das cidades e povoados vizinhos. Assim, acumulava a fama e fortuna, até tornar-se homem poderoso, uma espécie de proto-monarca, fundador das cidades que sediaram os impérios bélicos da antiguidade. Israel sentia-se ameaçada e sofria sob a ação militar destes impérios.

A narrativa ou parábola da construção da torre de Babel (Gn 11.1-9) segue a mesma lógica. A torre – migdal no hebraico – é uma fortaleza militar, símbolo da dominação (compare Dt 1.28;9.1). Os mandantes desta gigantesca obra tinham sonhos imperiais.

O povo de Israel, por sua vez, nômade ou seminômade muitas vezes, foi vítima de incursões militares e saques comandados por monarcas urbanos. Por isso, a tradição profética expressa, com veemência, seu repúdio ao Estado Monárquico. A fábula de Jotão (Jz 9.7-15) e a advertência de Samuel (1 Sm 8,1ss) são alertas para o ilimitado poder do Estado Monárquico.

Além disso, o poder político, no passado como agora, vincula-se aos melhores aliados: o exército, a religião, o mercado (a economia) e as alianças entre uns e outros. Um exemplo desta aliança ocorre no julgamento de Jesus. Foi condenado pela cumplicidade da religião (que via seus lucros ameaçados) aliado ao Estado.

Nenhum Império, por poderoso que seja, é eterno. Deus continua sendo o Senhor da história. (A superação da Babilônia ocorrerá com a derrocada do mercado (Ap 18-19) e o triunfo do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores – Jesus e a instauração da cidade celeste, a Nova Jerusalém (Ap 21-22)).

Assim, ao longo do AT, a cidade, como centro de poder e dominação, é identificada como sendo Babilônia. Simboliza a encarnação da violência, a dominação e a perversidade. Embora seja uma criação humana, fruto da cultura, e não criação de Deus, isto não significa que esteja entregue ao capricho de governantes inescrupulosos. Deus reclama um outro perfil para a cidade.

2.2. A cidade como espaço de misericórdia, justiça e paz.

Em contraste à cidade dominada pela violência, Jerusalém aparece na Bíblia de duas formas distintas: é a cidade capital espiritual de Israel e, ao mesmo tempo, portadora de um símbolo: simboliza a cidade da justiça e da paz.

É apresentada como a encarnação (idealização) da cidade da compaixão, da misericórdia, da justiça e da paz, cuja origem remonta a Melquisedeque, Rei de Salém, Rei da Justiça que abençoa Abrão (Gn 14.18-20). Historicamente, a cidade de Sião era uma fortaleza militar dos jebuseus, conquistada somente por Davi e transformada em capital espiritual do povo de Deus. (Js 15.63 e 2 Sm 5.6-11)

Ao longo do AT, Deus reclama a cidade como espaço de misericórdia. Este tema é expresso através de vários autores sagrados: a oração de Abrão sobre Sodoma (Gn 18,16ss), o tema da superação da violência e da impunidade ressaltado na criação das cidades de refúgio (Nm 35.9-15; Dt 4.41-43; 19,1-3), a desconcertante compaixão de Javé por Nínive que surpreende Jonas e sua moral religiosa (Jonas), a carta de Jeremias aos exilados - uma demonstração de como Javé preza a paz da cidade (Jr 29), a atitude compassiva de Neemias na reconstrução da Jerusalém arruinada... apenas

alguns entre muitos outros exemplos. Todos destacam que Deus não têm prazer na destruição da cidade violenta mas deseja sua conversão.

A culminância do símbolo Jerusalém encontra-se na Nova Jerusalém (Ap 21-22). Nela, reinará a plenitude da vida relacional e ecológica. É o paraíso urbano. Todo tecido social será perpassado pela vida em plenitude.

2.3 – A dialética: Jerusalém x babilônia

Logo, Babilônia e Jerusalém são dois símbolos e duas realidades presentes nas cidades ao longo da história. Nenhuma cidade é totalmente Babilônia nem completamente Jerusalém. Não se trata de um dualismo: ou uma ou outra, mas de uma relação dialética, isto é: cada cidade é simultaneamente Babilônia – cidade marcada pela injustiça e pela opressão e Jerusalém – cidade que carrega de sinais de vida e de esperança.

A Jerusalém histórica tornou-se Babilônia apesar de todo cuidado de Deus para com ela (Ez 16). Para uma percepção teológica adequada desta dialética, é necessária a busca de uma chave hermenêutica (interpretativa) que permita lidar com esta realidade. A melhor chave hermenêutica para a Missão Urbana, no entanto, encontra-se na palavra de Jesus: *Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo de suas asas, mas vocês não quiseram!*(Lc 13.34NVI)

Por que esta palavra é tão central? Nela, Jesus mostra a relação dialética entre a realidade objetiva e subjetiva da cidade. A cidade é, simultaneamente, Babilônia e Jerusalém. Nela, opera o juízo e a graça, a violência e a misericórdia.

O Evangelho do Reino, por sua vez, segue a lógica dos profetas do AT. Sustenta, assim, uma proposta para a superação desta dialética que ocorre através do arrependimento e da conversão. Veja o acontecido em Nínive de Jonas. A mesma mensagem é anunciada por João Batista. A figura da galinha, que acolhia os pintinhos debaixo das asas, simboliza o desejo de Jesus de abraçar a cidade com misericórdia, o qual a natureza babilônica (violenta) dos governantes não permitia.

3. A MISSÃO URBANA NO NT: DA PALESTINA PARA O MUNDO URBANO

A mensagem do Reino de Deus, após a ressurreição de Jesus, transpôs as fronteiras da Palestina e ingressou no mundo das grandes cidades gregas e romanas. Em cerca de 20 anos, o Evangelho alcançou a Antioquia na Síria, Roma na Itália, Éfeso na Ásia Menor, Corinto na Grécia, Filipos e Tessalônica na Macedônia e Alexandria no Egito. O Evangelho seguia as grandes rotas comerciais.

Ao analisar a expansão quantitativa e qualitativa do movimento cristão nos primeiros séculos da era cristã, Rodney Stark, levanta uma instigante questão: *De que forma um minúsculo e obscuro movimento messiânico da periferia do Império Romano desbancou o paganismo clássico e tornou-se a religião dominante da civilização ocidental?*

Embora esta questão mereça um aprofundamento maior do que aquele a que este artigo propõe-se, convém atentar para as explicações relevantes a seguir apresentadas.

Nélio Schneider observa: o aspecto intrigante exatamente é que a mensagem do evangelho encontrou ressonância num meio totalmente diferente do de sua origem e teve como meta fazer a cabeça e o coração de pessoas da *pólis* e da *urbs*, às quais, a princípio, nem eram visadas.

Como isto aconteceu?

Tomemos com figura chave deste processo o apóstolo Paulo. Como um ser da cidade, parece que alimentava uma “utopia urbana (Fp 3,20) que nunca chegou a descrever. Suas cartas, no entanto, exortam os cristãos a viverem a cidadania de maneira digna do Evangelho (Fp 1.27; 1 Ts 2.12).

Desde o início, a comunidade cristã entende-se como parte da *pólis* e não uma segregação à parte. Para Nélio Schneider, a vivência cidadã dos cristãos foi o fator fundamental para construir a ponte entre o interiorano e o urbano. *“Quem divulgou o Evangelho não questionou a cidade em si, mas a viu como um lugar de concretização vital da mensagem evangélica. Não foi o Evangelho que acolheu o meio urbano mas o meio urbano que acolheu o Evangelho”... “Este é o primeiro dado importante: o Evangelho não problematiza o urbano por princípio”.*

Segundo Rodney Stark, o avanço do Evangelho deve ser creditado a três fatores:

A força do amor expresso, entre outras, na atitude demonstrada quando acolhem crianças recém-nascidas abandonadas pelos romanos. Afinal, a marca maior dos cristãos não consistia em ritos religiosos ou liturgias extravagantes, mas na maneira como viviam o mandamento maior dado por Jesus: "amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei".

A vida com dignidade. No interior de uma sociedade escravagista, as comunidades cristãs vivenciavam uma solidariedade ímpar. Em Cristo, superavam as discriminações raciais, sociais, econômicas, religiosas e de gênero. Tratavam-se como irmãos e irmãs. Especialmente as mulheres e as crianças eram tratadas como iguais aos adultos. E o casamento monogâmico era uma maneira robusta de restaurar a dignidade feminina.

O senso de liberdade em Cristo. A essência do Evangelho era algo tão especial a ponto de optarem por assumir uma vida leve, sem apegos a bens materiais, status social, riquezas, ...Nem mesmo a morte valia tanto quanto a liberdade encontrada pela na graça salvadora de Cristo Jesus.

Desta maneira, a qualidade do ser das comunidades cristãs serviu como fermento e sal na sociedade romana. A qualidade superior da ética decorrente da fé cristã contagiava as pessoas e, conseqüentemente, as cidades da época.

Longe de esgotar tão apaixonante assunto, cabe-nos indagar qual o nosso papel atual no cenário urbano brasileiro. Todavia, para mergulhar nesta questão, impõe-se a compreensão da lógica do processo urbanizatório brasileiro e suas conseqüências sociais e espirituais.

4. CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E RELIGIOSAS DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

Para entender a realidade urbana de nossos dias, é indispensável a compreensão das causas e das conseqüências do processo urbanizatório brasileiro na segunda metade do século XX.

A vitória definitiva da cidade sobre o campo aconteceu no Regime Militar imposto em 1964, o qual consagrou aqui o capitalismo monopolista da grande burguesia internacional aliada à burguesia nacional composta de

industriais, empresários e grandes produtores rurais além de latifundiários e, principalmente, das Forças Armadas com apoio logístico da CIA/EUA.

Sendo assim, a urbanização brasileira foi bancada pelo Estado e seus aliados para industrializar o país e inseri-lo no moderno mercado mundial. O crescimento das cidades não foi algo natural.

O resultado prático desta política foi o inchaço urbano. As principais causas geradoras da migração campo-cidade foram: a mecanização do campo; monocultura voltada para exportação, desintegração da agricultura familiar, disseminação dos agrotóxicos, eletrificação rural, falta de legislação de amparo ao trabalhador rural, confusão entre poupança e inflação, falaciosas vantagens do crédito bancário...

Este processo urbanizatório, a bem da verdade, não urbanizou as cidades. Pelo contrário, produziu um imenso inchaço urbano e causou muitos problemas humanos e sociais. Eis alguns dados deste processo em âmbito nacional:

1950: população rural - 64%; população urbana - 36%;

1980: população rural - 32%; população urbana - 68%

2000: população rural - 18,8%; população urbana - 81,2%.

2010: população rural – 14,6%; população urbana – 85,4%.

A cidade de Porto Alegre é a capital brasileira que menos cresceu. Mesmo assim, a sua população quase triplicou em 60 anos: 1950: 368.014 hab; 1980: 1.157.709; 2000: 1.360.590; 2010: – 1.409.939 habitantes, sem contar o inchaço na Região Metropolitana.

Curitiba: 1950: 180.573 hab; 1980: 1.024.975; 2000: 1.587.315; 2010: 1.746.893. No mesmo período de seis décadas, Curitiba, a exemplo de outras capitais, multiplicou sua população em quase dez vezes.

As consequências sociais do processo foram a favelização e o inchaço urbano sem infraestrutura, caos na saúde, na segurança e na habitação, a multiplicação da violência (criminalidade), desintegração humana e social, desemprego, drogadicção, prostituição infantil e tráfico de drogas...

Vale lembrar que o regime militar acirrou o contraste entre uma elite rica e a massa dos empobrecidos. Os sinais do progresso contrastavam com a

multiplicação das favelas. Esta conduta não foi alterada, em sua essência, nos governos “democráticos” seguintes.

4. A URBANIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO RELIGIOSO

Eis uma pergunta intrigante à espera de resposta:

Por que as comunidades urbanas da IECLB, ao lado de outras igrejas históricas, não cresceram proporcionalmente ao crescimento das cidades, enquanto as igrejas pentecostais, a umbanda e o espiritismo multiplicaram seus adeptos no mesmo período?

Onde a massa da população migrante e empobrecida encontrou acolhida e abrigo espiritual nas cidades? Qual a explicação para algumas igrejas crescerem neste período e outras ficarem estagnadas?

A razão da estagnação das Igrejas Históricas e da irrupção do crescimento Pentecostal, da Umbanda e do Espiritismo, certamente, possui diversas explicações. O que importa aqui é fazer um inventário das principais causas a fim de evitar erros cometidos no passado.

Olhando para a nossa realidade como IECLB, percebem-se causas estruturais, estratégicas e espirituais. Entre as *causas estruturais* destaco que, nos anos 1960-1980, a maioria dos pastores da IECLB eram alemães. Até 1970, a língua dominante da Faculdade de Teologia em São Leopoldo, assim como em muitas comunidades, era o alemão.

A regra para ingressar na FACTEOL era o domínio desta língua. Isto significava que a formação teológica pastoral tinha um foco definido: atender as comunidades da etnia alemã. A **preocupação contextual** veio somente com a teologia latino-americana (Teologia da Libertação (TL) e Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL). Esta contingência naturalmente limitava o alcance missionário na cidades junto à população afluyente.

Mesmo assim, os pastores fizeram o melhor possível dentro de sua limitação cultural. Em Porto Alegre, as primeiras incursões na “missão suburbana” foram protagonizados por pastores alemães, tais como Güttinger, Wellmann, Lüttoff... No Vale do Sinos, pelo estadunidense pastor John Aamot...

Entre as *causas estratégicas* verifica-se que, em nossas comunidades históricas, predominou uma estrutura de atendimento que privilegiava a “reta doutrina” e a observação dos regulamentos. Todavia, esquecia-se de olhar para o sofrimento e dor das pessoas. As paróquias urbanas, geralmente localizadas em bairros de classe média ou no centro das cidades, aguardavam o documento de transferência da parte dos membros vindos do interior.

Ignoravam, no entanto, que a maioria deles perdera sua terra, honra, autoestima e fora jogada na periferia urbana num processo cruel e humilhante. Vale dizer, ainda, que ser pobre, para o descendente alemão, era vergonha e humilhação dentro da ideologia: só é pobre quem não quer trabalhar. O ex-pastor presidente da IECLB Augusto E. Kunert dizia, repetidas vezes: “A grande Porto Alegre é um cemitério de luteranos”. Faltou compreensão e consequente acolhida.

Entre as *causas espirituais* vale lembrar que a nossa teologia luterana do batismo inibe uma ação evangelizadora mais agressiva por entender que, no batismo, acontece a justificação e a ordenação ao sacerdócio geral. Esta visão, levada ao extremo, não admite a evangelização de batizados, luteranos ou não.

Aliada a esta visão teológica, estava a incapacidade de criar novas comunidades nas periferias urbanas a exemplo das Igrejas Pentecostais. Muitos ministros não estavam aptos a preparar discípulos capazes de abrir frentes missionárias entre a população urbana afluyente. Desta maneira, milhares de ex-membros luteranos integravam-se às comunidades religiosas que os acolhiam na periferia das grandes cidades.

As paróquias que partiram para a evangelização de luteranos batizados através de intensas campanhas de visitação e palestras evangel sticas experimentaram significativo crescimento e desenvolvimento de serviços diaconais.   o caso do Movimento Encontr o e da Missão Evangélica União Cristã que multiplicaram os grupos caseiros de ora o, de acolhida e de estudos bíblicos. Estavam presentes em lares, escolas, salões e garagens na periferia urbana.

Convém, ainda, atentar   atitude pastoral Pentecostal e dos segmentos pentecostalizados das Igrejas históricas, bem como aos Movimentos Carismáticos, a Umbanda e ao Espiritismo. Focam-se na dor concreta das

peças e chegam à alma do povo urbano. A batalha espiritual e a busca por prosperidade sintonizam com os anseios da alma do povo duplamente oprimido (econômica e religiosamente).

6. A PARÓQUIA URBANA DA IECLB

Ao longo dos meus 40 anos de atuação em ministérios urbanos e pesquisas nesta área, observo que o comportamento espiritual urbano pode ser caracterizado de duas formas.

Há um contingente urbano de espírito utilitarista, daqueles que estão na cidade, porque nela encontram a liberdade. Como diz um adágio medieval: “Die Stadluft macht frei”... traduzido significa que os ares da cidade libertam ou trazem liberdade. Os jovens e as pessoas socialmente remediadas apreciam este espírito solto, sem controle social nem patrulhamento moral...

No que tange ao comportamento espiritual, estas pessoas evitam o compromisso com a fé. Podem visitar cultos ou programas religiosos, regular ou esporadicamente, embora não assumam compromissos formais. Não se vinculam a uma denominação; porém, selecionam os programas pelo seu gosto ou conveniência. Podem curtir o louvor, passar por experiência sobrenatural.

Alguns apreciam os espetáculos dos milagres desde que regados com muita emoção. Sentem-se bem no meio da massa onde preservam o anonimato. São os típicos “cristãos sem igreja” que crescem muito no Brasil. A religião é para eles uma espécie de “shoppingcenter” espiritual onde se encantam com luzes e sons para espantar a vida monótona e vazia.

O outro contingente urbano pode ser caracterizado como aqueles que buscam fidelizar-se a uma comunidade. Não suportam o anonimato urbano. Querem ser reconhecidos, amados, notados, diferentes. Recorrem à espiritualidade por razões existenciais. Geralmente carregados para a igreja pela dor e pelo sofrimento. Importa-lhes mais a essência da espiritualidade do que a forma.

Não se contentam em ser um número na plateia. Buscam a igreja na esperança de encontrar relacionamentos significativos, pertencimento, identificação confessional, afinidade cultural, respeito à individualidade, aceitação como irmãos e irmãs na fé.

Quando tal pessoa busca uma atividade religiosa - culto ou sessão- e é bem recebida e acolhida, tem grande chance de integrar tal comunidade. No entanto, quando falta a acolhida, a causa esta perdida.

No quadro da nossa membresia paroquial, também encontramos estes dois tipos. Alguns buscam a igreja por causa de ritos e celebrações; outros focam-se na qualidade e coerência espiritual da proposta da comunidade. Por isso, nossa ação missionária deve visar ambos os contingentes.

6.1. MINISTÉRIOS URBANOS

À medida que nossa tarefa evangelizadora e missionária quiser alcançar as nossas cidades ela deve diversificar seus ministérios para alcançar a maior diversidade de públicos sem esquecer da cidade como um todo. Proponho as seguintes ações para avançar nesta tarefa:

6.1.1. Ações de Pastoreio

Os nossos membros devem ser o primeiro alvo das ações pastorais urbanas. Perdemos muitos para outras denominações porque nos falta qualidade no pastoreio, na acolhida e na integração daqueles que não se satisfazem com cerimônias e liturgias.

Muitas pessoas recorrem à comunidade em busca de pertencimento. Bem sabemos que o povo urbano organiza-se cada vez mais em tribos, atraídos por afinidades (núcleos afetivos). Uma tribo é uma comunidade menor onde todos se conhecem, onde o vínculo de pertencimento está claro.

Quem integra uma tribo tem a sua identidade, valores, símbolos, “cultura”. No meio evangélico, não se fala em tribos mas em ‘igrejas autônomas’; fala-se em ‘comunidades caseiras’, em ‘grupos de discipulado’, ... Estes experimentos multiplicam-se aos milhares.

O que isso significa? Há um clamor por pastoreio. Procura-se por comunhão, na qual se buscam rumos para a vida, vocação e serviço. O pastoreio do tipo “cura d’almas” continua tendo valor, mas é insuficiente porque abrange pouca gente.

As pessoas cristãs querem ocupar o seu lugar no corpo de acordo com seus dons. Não se contentam com a passividade. Querem assumir a sua vocação numa resposta pessoal perante Deus. A vitalidade da comunidade urbana tem tudo a ver com o cuidado dedicado a estas pessoas. Para elas, a

espiritualidade é um elemento vital. Se não encontram o que procuram em nossas comunidades, migram para outras propostas.

O pastoreio é mais do que oferecer opções ou programas. Não basta dizer : “a nossa comunidade oferece tais e tais programas”. Estas pessoas não querem programas mas relacionamentos: afetivos, individualizados, personalizados. Acredito que grande parte dos grupos das Senhoras Evangélicas (OASE) mantém-se por esta razão. A OASE é, antes de mais nada, um núcleo afetivo.

Enfim, as ações de pastoreio visam ao cumprimento do ensinamento expresso na carta aos Efésios: *Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado...(Ef 4.11-12)*. A tarefa específica no Ministério Ordenado deveria ser a qualificação das pessoas para exercer a sua vocação. Onde isto acontece, o cuidado pastoral não se limita às tarefas de quem foi ordenado mas amplia-se através do voluntariado.

Não se pode ignorar que vivemos numa sociedade urbana, pós-institucional, marcada pelo mercado religioso e pela irrupção de igrejas autônomas. A mobilidade urbana requer organismos flexíveis sem o engessamento institucional. A igreja, como estrutura organizada e paróquia, perdeu a relevância na cidade. A população urbana massificada espera aconchego, acolhida, pertença... sentimentos favorecidos em grupos menores, tribos e comunidades caseiras.

Especialista em Pastoral Urbana afirmam que o ministro/a urbano é um analista da alma urbana. É um especialista em observar, estudar e ajudar na cura das pessoas. Sua função é de assessoria, coordenação, formação e delegação. Ajuda as pessoas a conhecerem o Evangelho de Jesus Cristo, seus dons e habilidades e desafia-os a exercitá-los a serviço do corpo.

A vitalidade e a qualidade espiritual de uma comunidade evidencia-se pelo pastoreio praticado nela. Sublinhamos: a primeira tarefa a ser realizada na comunidade urbana é o pastoreio. Na comunidade, vale o mesmo que na família: *Se alguém não cuida dos parentes e, especialmente, dos de sua própria família, negou a fé e é pior que o descrente (1 Tm 5.8)*.

6.1.2. Ações Missionárias

As ações missionárias de uma comunidade são o resultado direto da qualidade do pastoreio. Um rebanho bem cuidado e alimentado multiplica-se naturalmente. Quando uma comunidade não experimenta crescimento, deve-se questionar a qualidade do pastoreio.

De acordo com Comblin, o clero tem a função de cuidar das coisas da instituição. A evangelização é tarefa dos missionários. Conheço comunidades sufocadas em programas e atividades de manutenção. A roda gira, mas o carro não anda, patina. Falta cuidado na preparação de colaboradores e missionários locais. Quem são eles? As pessoas cuidadas e pastoreadas: os discípulos a quem cabe atenção e investimento.

Quais o horizontes dos programas de sua comunidade? Cada programa visa a um público específico. Se quisermos alcançar outros públicos da cidade, necessitamos de uma diversidade de programas e pessoas preparadas para implementá-los.

As ações missionárias, antes de mais nada, têm a ver com o sofrimento e as dores coletivas da cidade. Atente para estes dados:

Primeiro: Em 30 anos (1980-2010), ocorreram 1,09 milhões de homicídios no Brasil. Isto equivale a 137 mortes por dia, o que representa 11% das vítimas do Planeta. O crescimento da criminalidade é de 237% nos últimos 20 anos. Alagoas é o Estado campeão de vítimas: 66,8 em cada 100.000 habitantes.

Segundo: O trânsito no Brasil vitimou mais de 60 mil pessoas em 2012. No mesmo ano, mais de 352 mil pessoas foram aposentadas por invalidez. Quem se importa com os mutilados e seus familiares?

Sair das fronteiras de nossa confissão é uma questão de amor. A vocação cristã é a resposta a uma dor específica, concreta. Onde faltam vocações missionárias, em primeiro lugar, falta a compaixão com a dor de outras pessoas. Onde existe compaixão, não faltam vocação nem ministérios diaconais. A afirmação pode ser comprovada pelos diversos projetos sociais e diaconais voltados a crianças, dependentes químicos, moradores em condição de rua, mães solteiras, idosos, projetos ecológicos, ...

Para além do nosso arraial luterano, os experimentos da Missão Zero através das incursões feitas com a tenda nas periferias das cidades têm valiosas histórias para contar. A Escola de Pais, o Movimento de Casais,

são outro caminho missionário urbano para ajudar as pessoas a qualificar os relacionamentos familiares.

Ações missionárias podem, também, ser conjugadas as de outras igrejas e organizações não-governamentais e a parcerias públicas. Basta olhar o prontuário da IECLB para verificar a quantidade de ações missionárias, diaconais e educacionais praticadas pelas suas comunidades.

É mandato do Evangelho, acolhido pela Reforma, o empenho pela transformação da sociedade. Isto acontece através do trabalho feito pelas comunidades, ações de cristãos engajados na vida civil e ações institucionais. A atuação missionária requer criatividade e flexibilidade de programas.

O Alpha, grupos caseiros, cursos, retiros, acampamentos, ... são propostas aprovadas em nosso meio. Os movimentos que brotam nas igrejas são como as flores numa árvore. Algumas frutificam; outras, nem tanto. A Igreja Católica acolheu a Renovação Carismática como braço evangelizador. A Igreja Metodista também. As ações missionárias desafiam as comunidades a irem além de suas rotinas e olharem para o sofrimento e dor em seu contexto.

6.1.3. Ações a favor da cidade

No início da história de nossa Igreja no Brasil, as ações próprias das comunidades, muito cedo, ultrapassaram o atendimento religioso dispensado aos imigrantes. Logo criaram escolas comunitárias para os filhos, cemitérios para o sepultamento digno dos entes queridos. Adiante, surgiram ancionatos, orfanatos, hospitais, centros sociais, casas para abrigo de crianças, centro de apoio aos pequenos agricultores, ...

Surgiram também ações conjugadas a outros segmentos da sociedade civil: engajamento a favor do meio ambiente (ações ecológicas), centro de recuperação de dependentes químicos, acolhida de moradores em condição de rua, inserções na política da cidade, ocupação de cargos na administração pública ou prestação de serviço voluntário, ...

Pessoalmente, estou engajado como voluntário no “Instituto São Leopoldo 2024”. Trata-se de uma ação de voluntários engajados na busca de melhor

qualidade de vida para nossa cidade com vistas ao seu segundo centenário. São propostas de melhoria social, ambiental, cultural e políticas públicas apresentadas e discutidas com o governo da cidade. Vejo nisto uma maneira de demonstrar o meu amor pela cidade.

Assim há muitos desafios que a cidade nos propõe. Quem cuida dos mutilados da violência do trânsito e das balas perdidas? Das pessoas violentadas sexualmente? Dos idosos?...

Vale o lembrete: a vocação cristã é a resposta a uma dor específica. Se nenhuma dor da cidade mexe com você, será que você é cidadã/ão? Nem falo em ser cristão...

Quem vai às escolas públicas promover Escola de Pais ou prevenir a dependência química?

Quem está atento às brechas da legislação e participa dos conselhos municipais?

Quem mostra o testemunho cristão na sua associação de bairro?

Não se pode esquecer do mandato missionário que Deus confiou a Abraão: “Por meio de você, todos os povos da terra serão abençoados” (Gn 12.3)

Isaias nos recorda do caráter ecumênico de nossa fé: “Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (Is 56.7b)

Assim como a Igreja tem uma responsabilidade profética de vigiar pela cidade, também possui uma incumbência abençoadora às iniciativas das pessoas ou de grupos que se empenham na promoção do bem e a paz da cidade.

7. CONCLUSÃO

A Pastoral Urbana, segundo Jorge H. Barros, necessita de um exercício permanente focado em três eixos: *a realidade*: o ministro/a urbano é um estudioso do contexto social; *o agente*: o ministro/a urbano investe em sua qualificação pessoal; *a formação teológica e ministerial*: o ministro/a urbano busca sempre aperfeiçoar a práxis ministerial.

Questões para aprofundar:

As pessoas urbanas estão sufocadas de programas, mas falta quem cuide delas.

A Missão Urbana requer a conjugação de uma sólida base teológica com relacionamentos humanos de qualidade.

Todos têm o direito de sentirem-se amados por Deus através da Igreja, que precisa ser amada, primeiramente, pelos seus ministros/as.

Somos uma Igreja étnica e culturalmente distinta : isto tem desvantagens e vantagens.

O pastoreio urbano precisa – conscientemente - levar as pessoas a uma relação pessoal com Jesus. As pessoas batizadas precisam acolher a graça salvadora em suas vidas e vivê-la.

Excurso: A Parábola da Festa do Reino Lc 14.15-24

Primeiro passo: Identificar o problema: os convidados não vêm - v.16-20

Segundo passo: ampliar a visão missionária: alcançar a vizinhança próxima - v.21-24

Terceiro passo: transpor as fronteiras, buscar os excluídos e equipar-se para trazê-los - v. 22-23

As comunidades comprometidas com a Missão Integral mantêm sua vitalidade. Conjugam três fatores: *afeto* – acolhem as pessoas, primam por uma postural relacional para superar o anonimato urbano; *compaixão* – focam-se em dores específicas e criam ações de transformação; *conteúdo* – aprofundam seu estudo da realidade social e da doutrina firmada no Evangelho do Reino.

8. BIBLIOGRAFIA

1. AGRESTE , Ricardo, **A Igreja, o Reino de Deus chegando à cidade**, Youtube, 2012
2. BARRO, J.H. **O Pastor Urbano**(org), Ed. Descoberta, Londrina/PR, 2003.

3. COMBLIN, José, **Olhando para os Horizontes**, in: REB,n.260, 10/2005, Ed.Vozes, Petrópolis/RJ, pgs: 831-857.
4. HOFFMANN, Arzemiro, **A Cidade na Missão de Deus**, Sinodal/Encontro Publicações, Curitiba/PR, 2008
5. LINTHICUM, Robert C., **Cidade de Deus Cidade de Satanás**, Missão Edit., BH/MG,1993, Trad. Leoni T.P.A.Abreu
6. PADILLA, René e COUTO, Péricles, **Igreja: agente de transformação**, Ediciones Kairos/Missão Aliança,Curitiba, 2011
7. REIMER, Johannes, **Abraçando o Mundo**, Ed.Esperança, Curitiba/PR, 2011
8. STARK, Rodney, **O crescimento do Cristianismo**, Ed.Paulinas/SP, 2006, Trad. Jonas Pereira dos Santos
9. SCHNEIDER, Nélio, polígrafo